

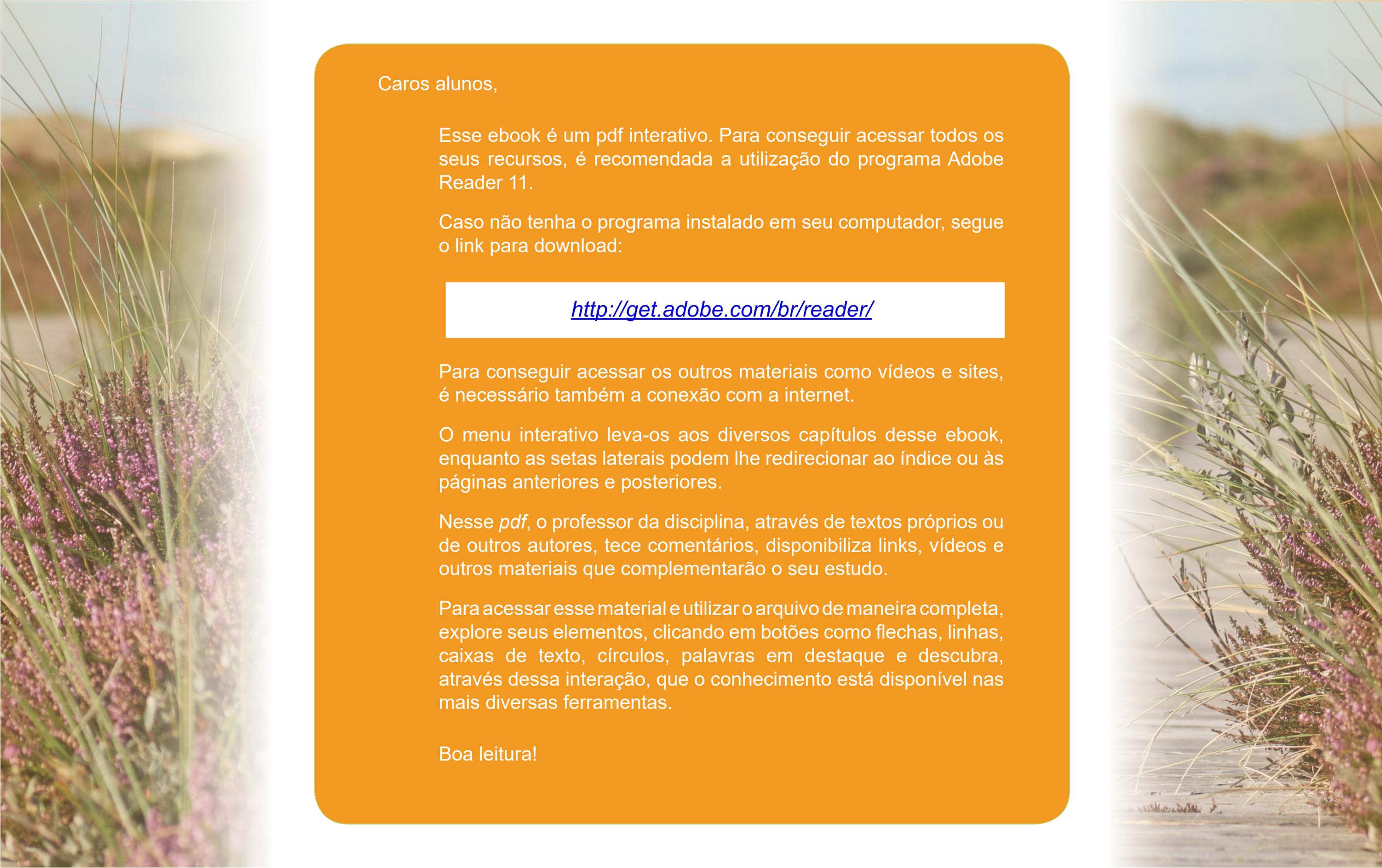
MIGUEL TORGA: UM MODERNISTA “AVANT GARDE”

RAQUEL TEREZINHA RODRIGUES

MEMORIAL MIGUEL TORGA

2007





Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

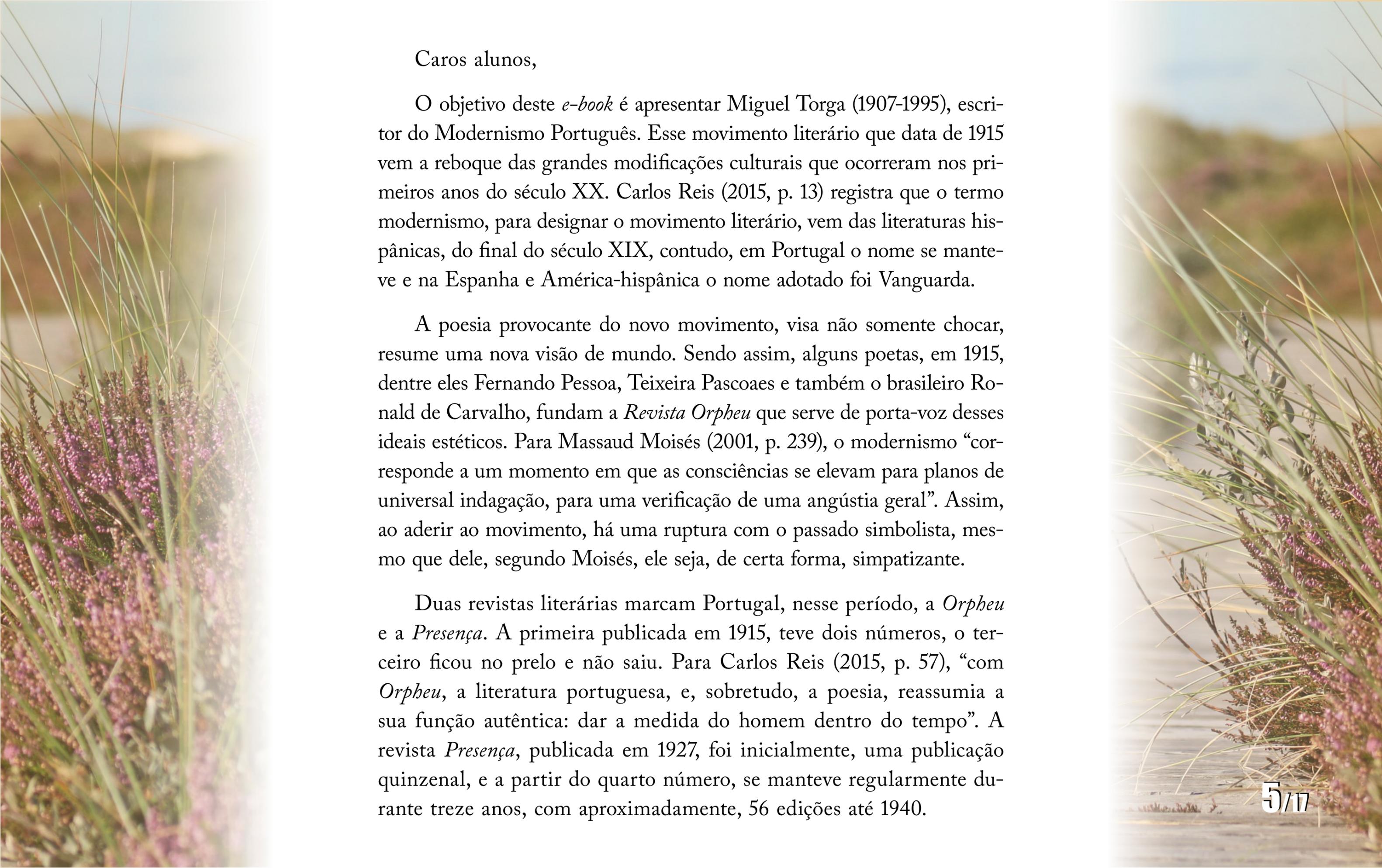
Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

SUMÁRIO



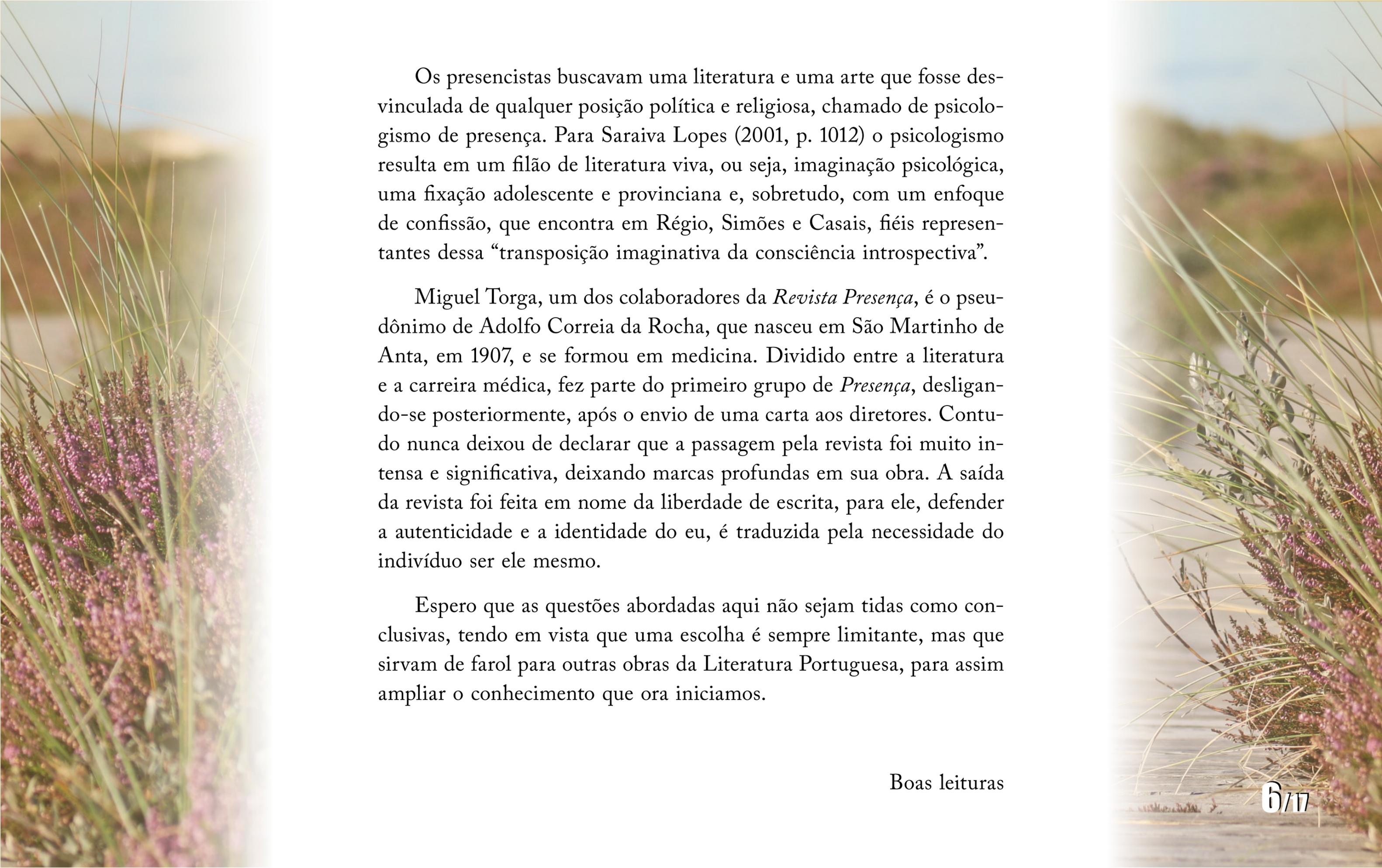


Caros alunos,

O objetivo deste *e-book* é apresentar Miguel Torga (1907-1995), escritor do Modernismo Português. Esse movimento literário que data de 1915 vem a reboque das grandes modificações culturais que ocorreram nos primeiros anos do século XX. Carlos Reis (2015, p. 13) registra que o termo modernismo, para designar o movimento literário, vem das literaturas hispânicas, do final do século XIX, contudo, em Portugal o nome se manteve e na Espanha e América-hispânica o nome adotado foi Vanguarda.

A poesia provocante do novo movimento, visa não somente chocar, resume uma nova visão de mundo. Sendo assim, alguns poetas, em 1915, dentre eles Fernando Pessoa, Teixeira Pascoaes e também o brasileiro Ronald de Carvalho, fundam a *Revista Orpheu* que serve de porta-voz desses ideais estéticos. Para Massaud Moisés (2001, p. 239), o modernismo “corresponde a um momento em que as consciências se elevam para planos de universal indagação, para uma verificação de uma angústia geral”. Assim, ao aderir ao movimento, há uma ruptura com o passado simbolista, mesmo que dele, segundo Moisés, ele seja, de certa forma, simpatizante.

Duas revistas literárias marcam Portugal, nesse período, a *Orpheu* e a *Presença*. A primeira publicada em 1915, teve dois números, o terceiro ficou no prelo e não saiu. Para Carlos Reis (2015, p. 57), “com *Orpheu*, a literatura portuguesa, e, sobretudo, a poesia, reassumia a sua função autêntica: dar a medida do homem dentro do tempo”. A revista *Presença*, publicada em 1927, foi inicialmente, uma publicação quinzenal, e a partir do quarto número, se manteve regularmente durante treze anos, com aproximadamente, 56 edições até 1940.



Os presencistas buscavam uma literatura e uma arte que fosse desvinculada de qualquer posição política e religiosa, chamado de psicologismo de presença. Para Saraiva Lopes (2001, p. 1012) o psicologismo resulta em um filão de literatura viva, ou seja, imaginação psicológica, uma fixação adolescente e provinciana e, sobretudo, com um enfoque de confissão, que encontra em Régio, Simões e Casais, fiéis representantes dessa “transposição imaginativa da consciência introspectiva”.

Miguel Torga, um dos colaboradores da *Revista Presença*, é o pseudônimo de Adolfo Correia da Rocha, que nasceu em São Martinho de Anta, em 1907, e se formou em medicina. Dividido entre a literatura e a carreira médica, fez parte do primeiro grupo de *Presença*, desligando-se posteriormente, após o envio de uma carta aos diretores. Contudo nunca deixou de declarar que a passagem pela revista foi muito intensa e significativa, deixando marcas profundas em sua obra. A saída da revista foi feita em nome da liberdade de escrita, para ele, defender a autenticidade e a identidade do eu, é traduzida pela necessidade do indivíduo ser ele mesmo.

Espero que as questões abordadas aqui não sejam tidas como conclusivas, tendo em vista que uma escolha é sempre limitante, mas que sirvam de farol para outras obras da Literatura Portuguesa, para assim ampliar o conhecimento que ora iniciamos.

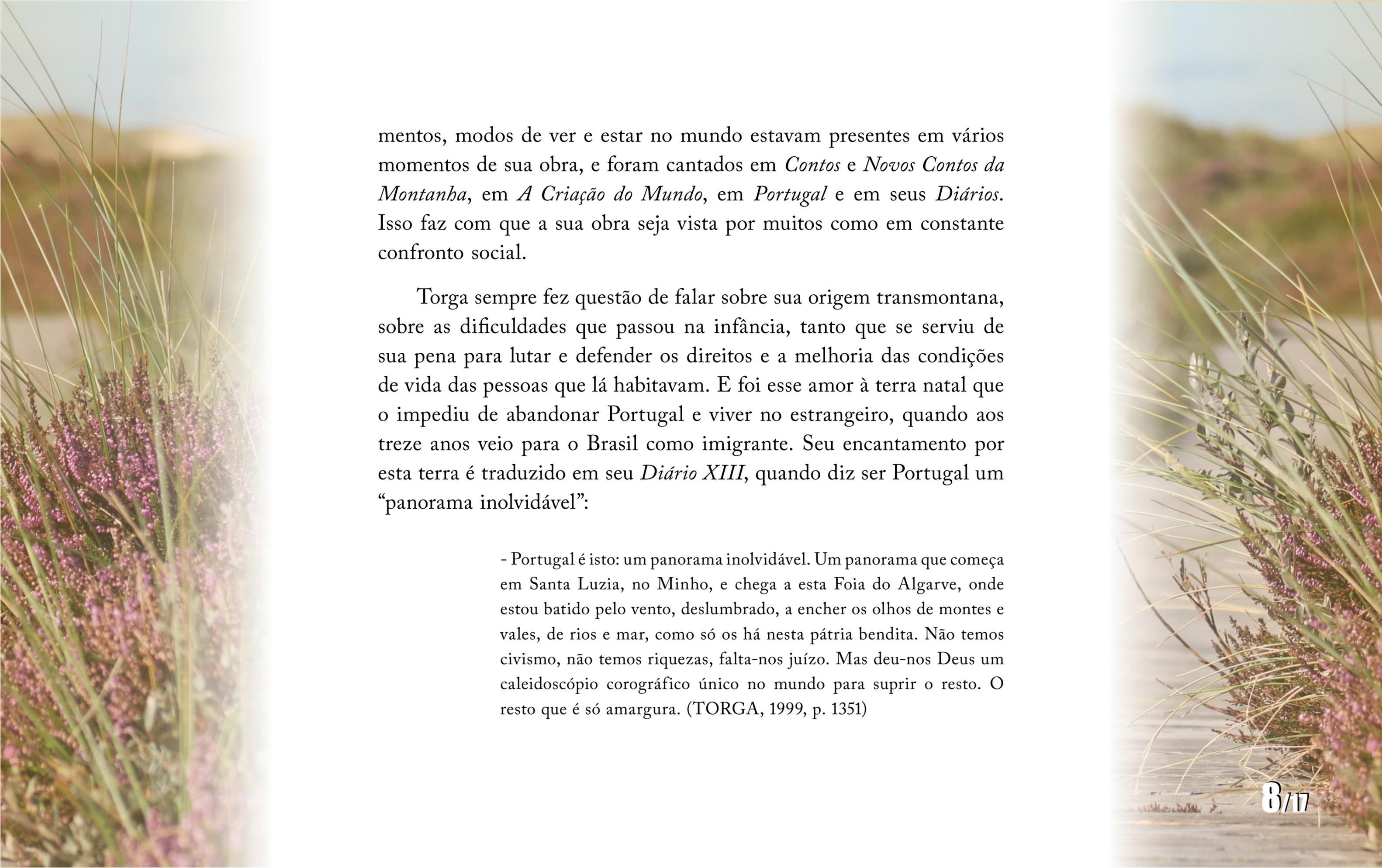
Boas leituras

Miguel Torga e os presencistas

*Cada qual procura-se onde se sente perdido.
Eu perdi-me em Portugal, e procuro-me nele.
(Miguel Torga)*

Adolfo Correia da Rocha, como dito anteriormente, era formado em medicina, profissão que desempenhou paralelamente à de escritor, ficou conhecido pelo pseudônimo de Miguel Torga. Nasceu em 12 de Agosto de 1907, em São Martinho de Anta, freguesia do Concelho de Sabrosa, Trás-os-Montes, o pseudônimo não foi escolhido por acaso. Torga ou urze é o nome de uma planta bravia, humilde, espontânea que tem o seu habitat no chão agreste de Portugal, mais particularmente nas serranias do norte, é o correspondente no reino vegetal da força que constitui o poeta e o prosador, e Miguel em homenagem a três Miguéis espanhóis (Miguel de Molinos, Miguel de Cervantes, Miguel de Unamuno).

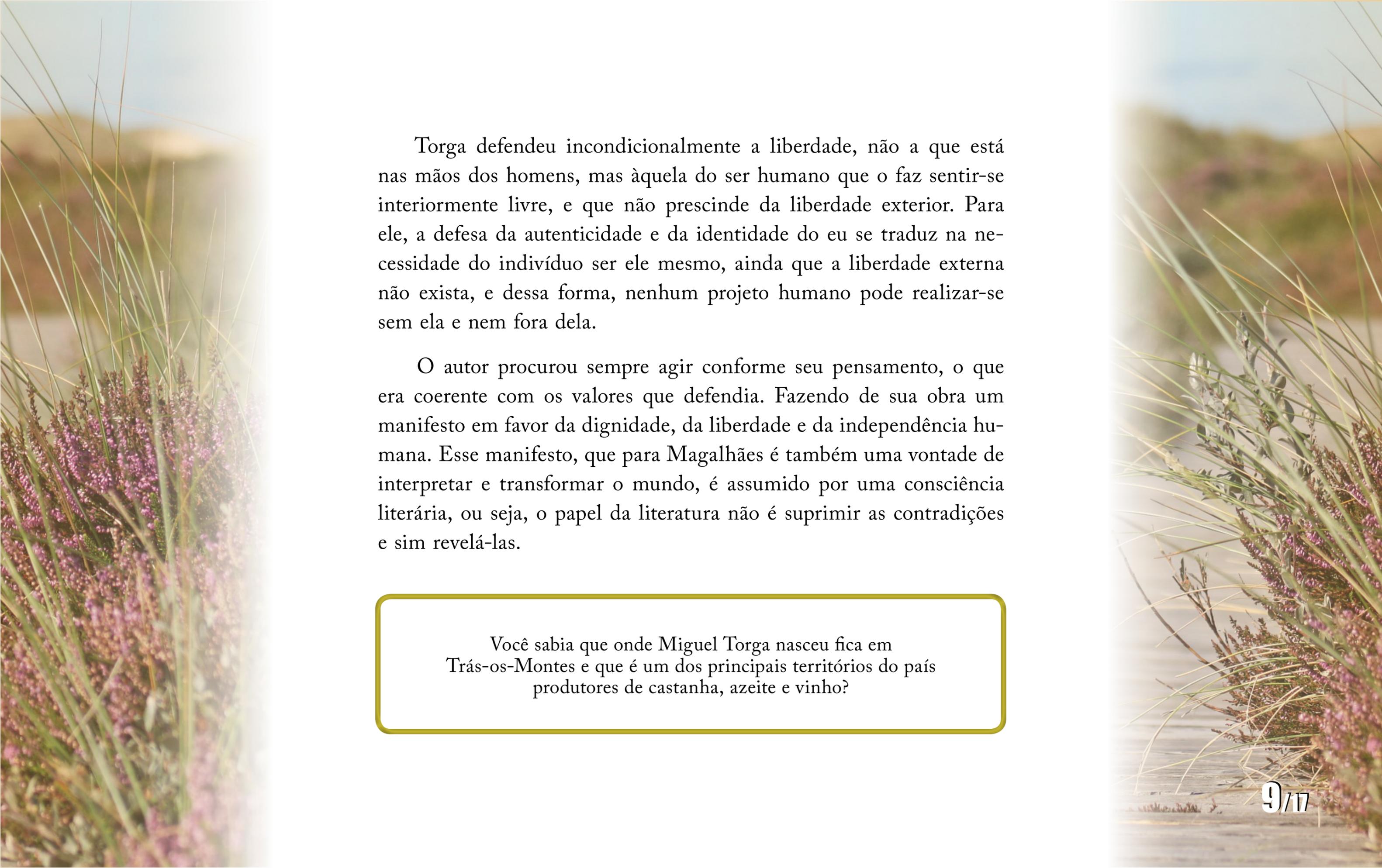
Trás-os-Montes não foi abordado por Torga como um lugar real, ele foi apresentado, metaforicamente, como sendo “um reino maravilhoso”, por localizar-se no cimo de Portugal, da mesma forma que os ninhos que ficam no cimo das árvores, para se tornarem mais apetecidos pela distância. O espaço, as pessoas com seus atos, comporta-



mentos, modos de ver e estar no mundo estavam presentes em vários momentos de sua obra, e foram cantados em *Contos e Novos Contos da Montanha*, em *A Criação do Mundo*, em *Portugal* e em seus *Diários*. Isso faz com que a sua obra seja vista por muitos como em constante confronto social.

Torga sempre fez questão de falar sobre sua origem transmontana, sobre as dificuldades que passou na infância, tanto que se serviu de sua pena para lutar e defender os direitos e a melhoria das condições de vida das pessoas que lá habitavam. E foi esse amor à terra natal que o impediu de abandonar Portugal e viver no estrangeiro, quando aos treze anos veio para o Brasil como imigrante. Seu encantamento por esta terra é traduzido em seu *Diário XIII*, quando diz ser Portugal um “panorama inolvidável”:

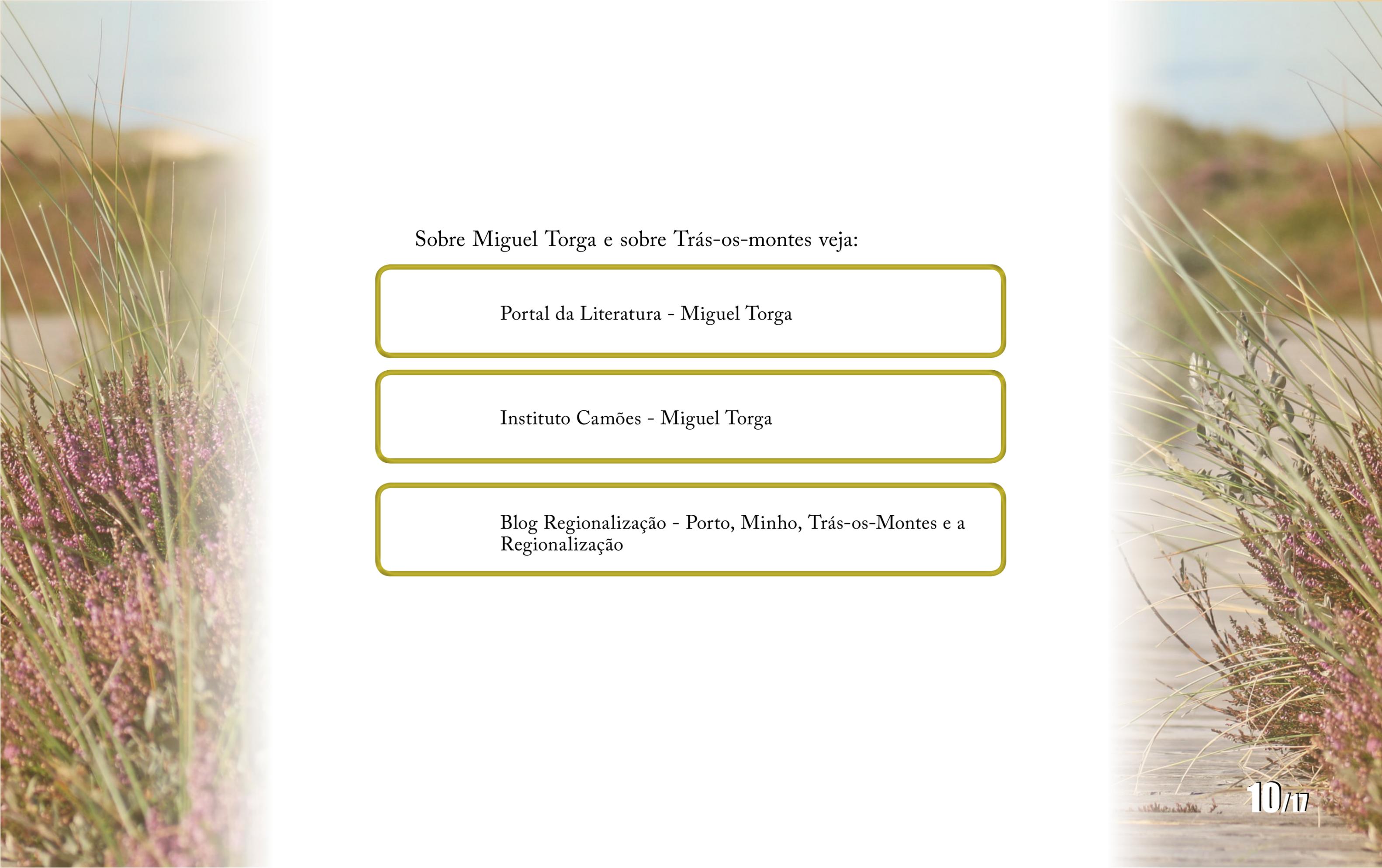
- Portugal é isto: um panorama inolvidável. Um panorama que começa em Santa Luzia, no Minho, e chega a esta Foia do Algarve, onde estou batido pelo vento, deslumbrado, a encher os olhos de montes e vales, de rios e mar, como só os há nesta pátria bendita. Não temos civismo, não temos riquezas, falta-nos juízo. Mas deu-nos Deus um caleidoscópio corográfico único no mundo para suprir o resto. O resto que é só amargura. (TORGA, 1999, p. 1351)



Torga defendeu incondicionalmente a liberdade, não a que está nas mãos dos homens, mas àquela do ser humano que o faz sentir-se interiormente livre, e que não prescinde da liberdade exterior. Para ele, a defesa da autenticidade e da identidade do eu se traduz na necessidade do indivíduo ser ele mesmo, ainda que a liberdade externa não exista, e dessa forma, nenhum projeto humano pode realizar-se sem ela e nem fora dela.

O autor procurou sempre agir conforme seu pensamento, o que era coerente com os valores que defendia. Fazendo de sua obra um manifesto em favor da dignidade, da liberdade e da independência humana. Esse manifesto, que para Magalhães é também uma vontade de interpretar e transformar o mundo, é assumido por uma consciência literária, ou seja, o papel da literatura não é suprimir as contradições e sim revelá-las.

Você sabia que onde Miguel Torga nasceu fica em Trás-os-Montes e que é um dos principais territórios do país produtores de castanha, azeite e vinho?



Sobre Miguel Torga e sobre Trás-os-montes veja:

[Portal da Literatura - Miguel Torga](#)

[Instituto Camões - Miguel Torga](#)

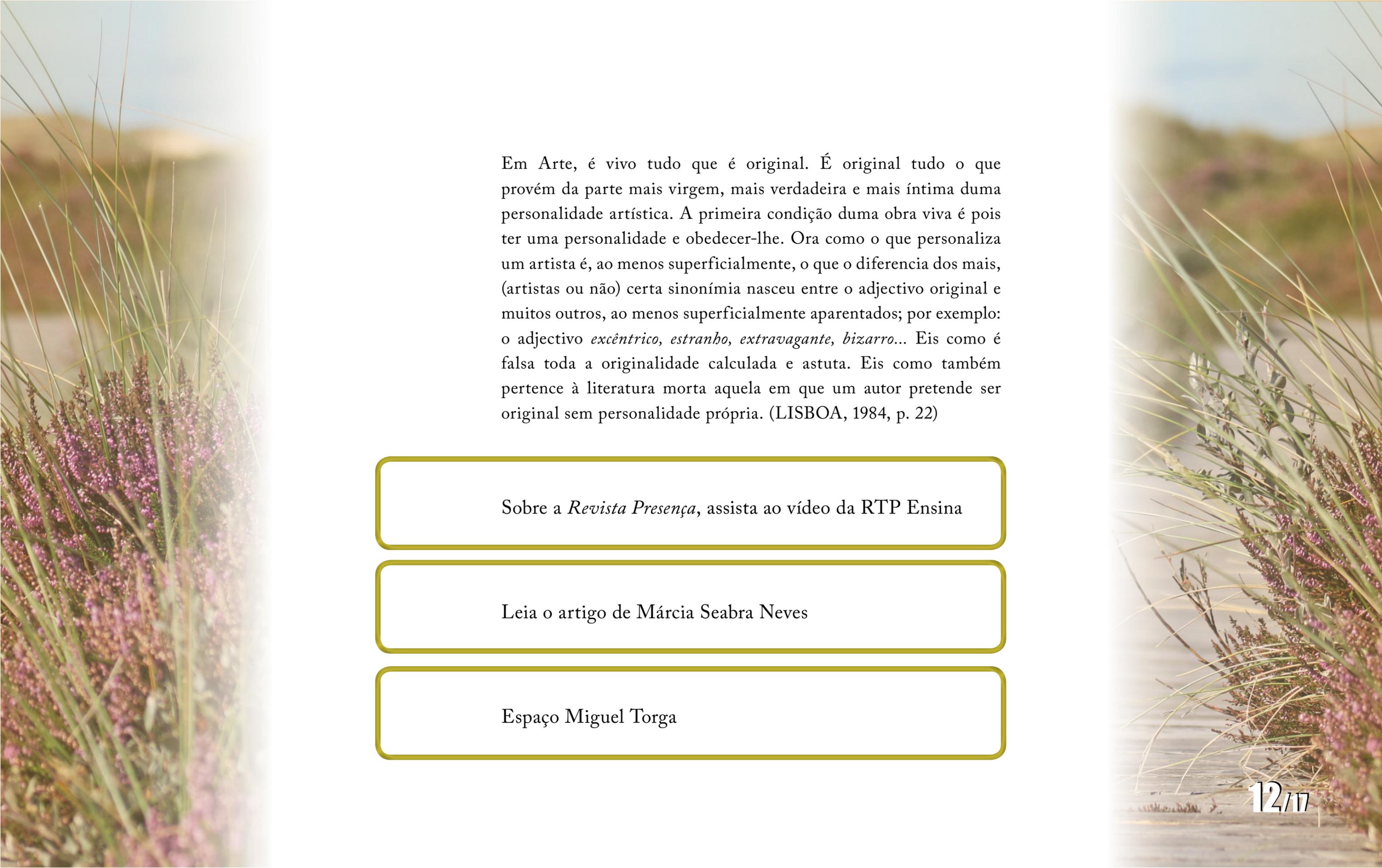
[Blog Regionalização - Porto, Minho, Trás-os-Montes e a Regionalização](#)

Universo presencista

A revista inovou desde o seu aspecto gráfico, que segundo Clara Rocha (1985, p. 382), fora impressa em papel pardo de embrulho, até a quantidade de desenhos, vinhetas e o cuidado do arranjo de cada página. Rocha ao citar Álvaro Ribeiro, salienta que a *Revista Presença* atrai não somente um sinônimo temporal que é a *Revista Contemporânea*, tendo em vista que essa significou uma reação aos saudosistas e tradicionalistas, mas também se alia a essa ideia de modernidade, por meio de seu nome que significa “aparição, aparência, manifestação, existência e plenitude”.

A *Revista Presença*, ainda que de forma breve, teve o seu primeiro número publicado no dia 10 de março de 1927, na cidade de Coimbra, o lançamento se deu logo após o golpe militar de 1926, em que a censura passa a comandar o país por muito tempo. Inicialmente, com uma publicação quinzenal, deixou, a partir do quarto número, a periodicidade regular e se manteve por 13 anos, aproximadamente, com 56 edições até fevereiro de 1940. A revista formou-se por duas séries: a primeira com 53 números, a segunda com dois e, em 1977, é publicado um número especial em comemoração ao cinquentenário do seu lançamento.

Segundo Eugenio Lisboa, a revista trazia em seu primeiro número um subcabeçalho intitulado “Folha de Arte e Crítica”. Nesse primeiro número, é publicado um artigo de José Régio que aponta as linhas orientadoras da revista. O autor, ao citar Régio, reitera que a arte deve ser sincera e original, tais conceitos tanto de originalidade quanto de sinceridade são usados como sinônimos de inspiração e artificialidade:

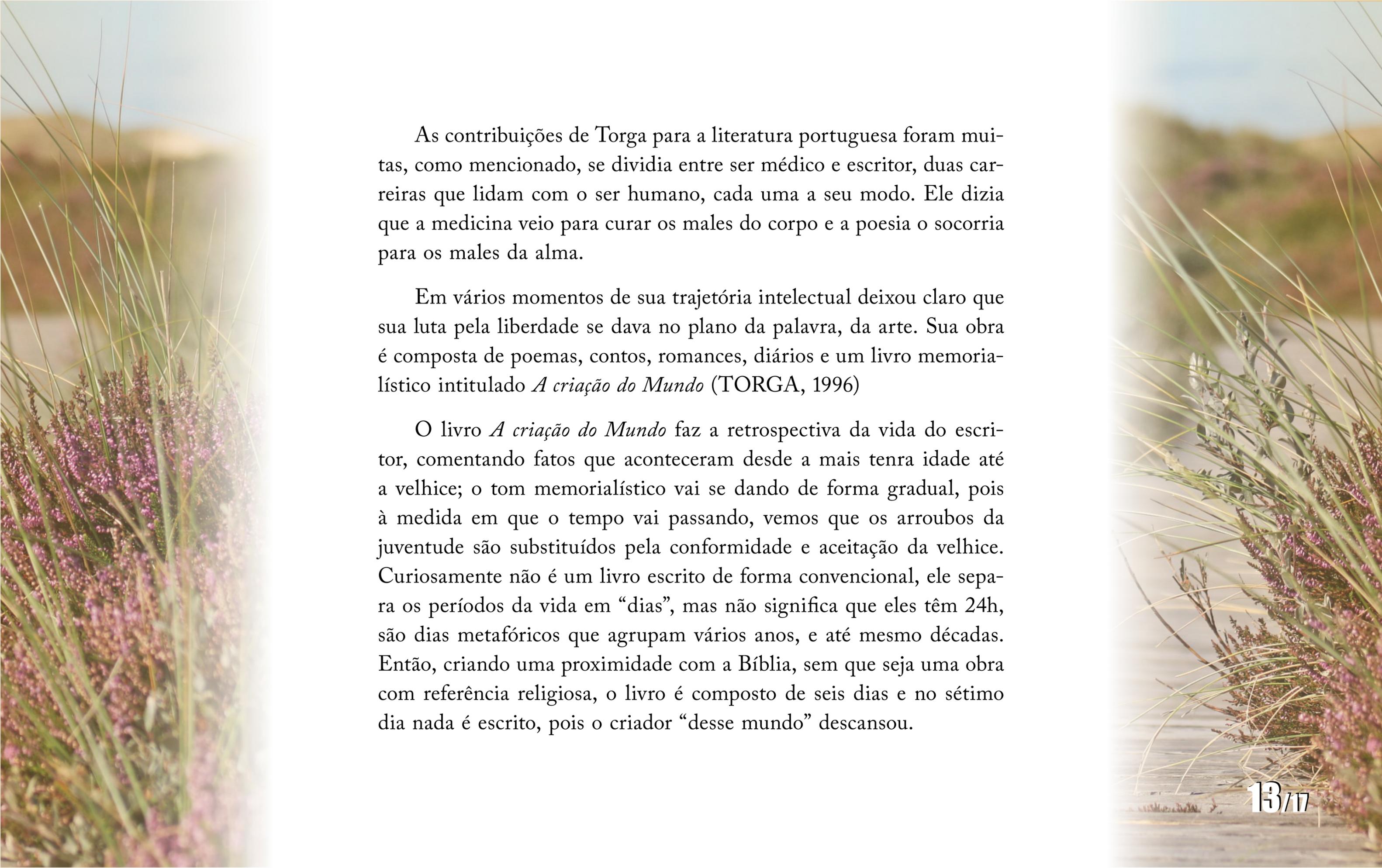


Em Arte, é vivo tudo que é original. É original tudo o que provém da parte mais virgem, mais verdadeira e mais íntima duma personalidade artística. A primeira condição duma obra viva é pois ter uma personalidade e obedecer-lhe. Ora como o que personaliza um artista é, ao menos superficialmente, o que o diferencia dos mais, (artistas ou não) certa sinonímia nasceu entre o adjectivo original e muitos outros, ao menos superficialmente aparentados; por exemplo: o adjectivo *excêntrico, estranho, extravagante, bizarro...* Eis como é falsa toda a originalidade calculada e astuta. Eis como também pertence à literatura morta aquela em que um autor pretende ser original sem personalidade própria. (LISBOA, 1984, p. 22)

Sobre a *Revista Presença*, assista ao vídeo da RTP Ensina

Leia o artigo de Márcia Seabra Neves

Espaço Miguel Torga



As contribuições de Torga para a literatura portuguesa foram muitas, como mencionado, se dividia entre ser médico e escritor, duas carreiras que lidam com o ser humano, cada uma a seu modo. Ele dizia que a medicina veio para curar os males do corpo e a poesia o socorria para os males da alma.

Em vários momentos de sua trajetória intelectual deixou claro que sua luta pela liberdade se dava no plano da palavra, da arte. Sua obra é composta de poemas, contos, romances, diários e um livro memorialístico intitulado *A criação do Mundo* (TORGA, 1996)

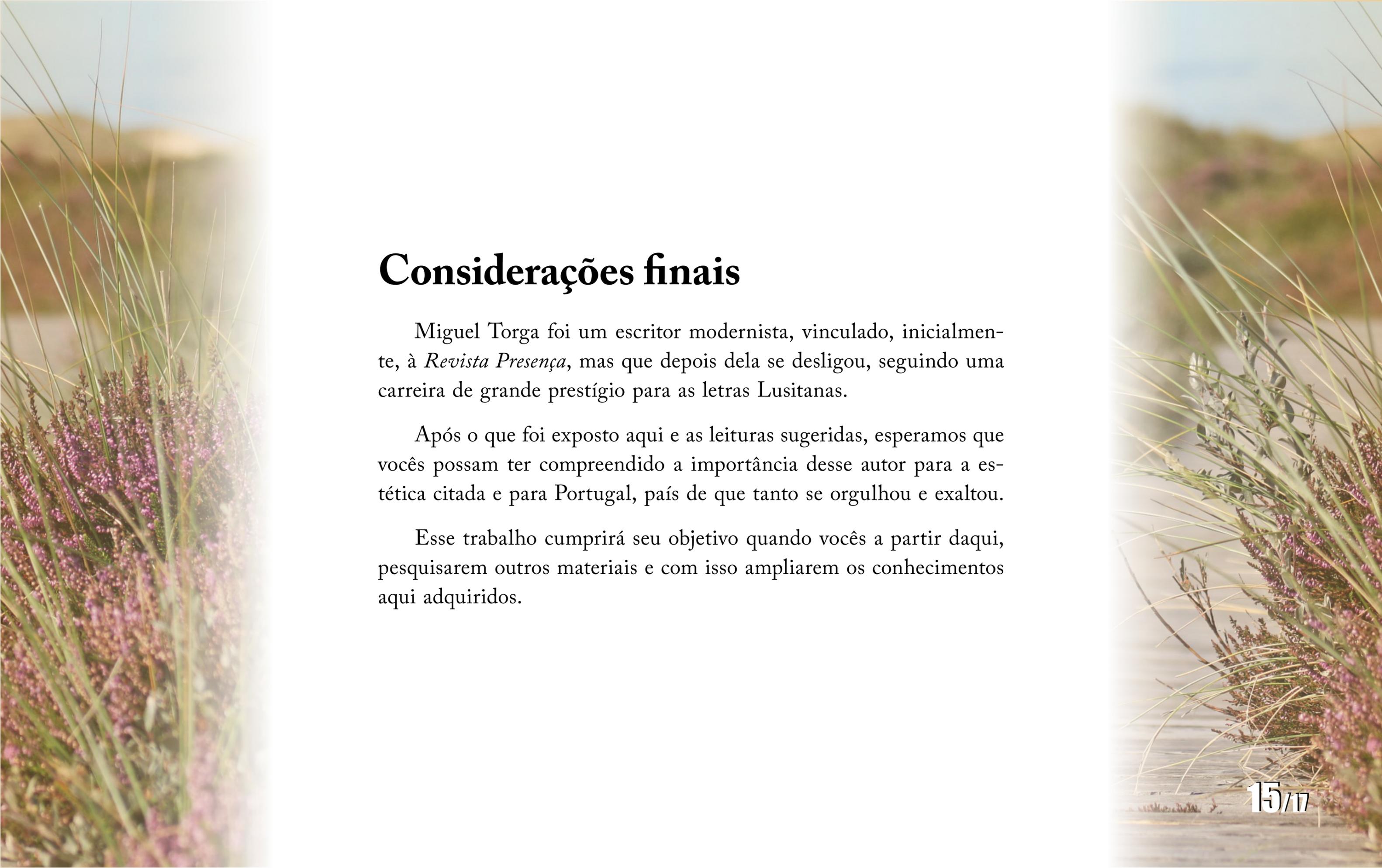
O livro *A criação do Mundo* faz a retrospectiva da vida do escritor, comentando fatos que aconteceram desde a mais tenra idade até a velhice; o tom memorialístico vai se dando de forma gradual, pois à medida em que o tempo vai passando, vemos que os arroubos da juventude são substituídos pela conformidade e aceitação da velhice. Curiosamente não é um livro escrito de forma convencional, ele separa os períodos da vida em “dias”, mas não significa que eles têm 24h, são dias metafóricos que agrupam vários anos, e até mesmo décadas. Então, criando uma proximidade com a Bíblia, sem que seja uma obra com referência religiosa, o livro é composto de seis dias e no sétimo dia nada é escrito, pois o criador “desse mundo” descansou.



Segundo Raquel Terezinha Rodrigues (2009), nessa obra há um prefácio que foi feito à edição francesa, mas que a publicação brasileira, pela Nova Fronteira manteve, que diz “ao querido leitor” que o livro será lido de uma assentada, se ele leitor, não se sentir desanimado pela macicez do texto. Segundo o autor, a obra foi concebida temerariamente na mocidade, sem que a trama ou o rumo pudessem ser previstos, cabendo ao tempo dar-lhe corpo e remate.

A conversa íntima com o “querido leitor” segue explicando que todos criam mundos independentemente da quantidade de tempo que vivem, porém ressalta que os mundos variam tanto quanto as criaturas que nele habitam:

Luminosos uns, brumosos outros, e todos singulares. O meu tinha de ser como é, uma torrente de emoções, volições, paixões e inteleções a correr desde a infância à velhice no chão duro de uma realidade protéica, convulsionada por guerras, catástrofes, tiranias e humanidade conheceu, a par do mais promissor. Mundo de contrastes, lírico e atormentado, de ascensões [*sic*] e quedas, onde a esperança apesar de sucessivamente desiludida, deu sempre um ar da sua graça, e que não trocava por nenhum outro, se tivesse de escolher. (TORGA, 1996, p. 11)



Considerações finais

Miguel Torga foi um escritor modernista, vinculado, inicialmente, à *Revista Presença*, mas que depois dela se desligou, seguindo uma carreira de grande prestígio para as letras Lusitanas.

Após o que foi exposto aqui e as leituras sugeridas, esperamos que vocês possam ter compreendido a importância desse autor para a estética citada e para Portugal, país de que tanto se orgulhou e exaltou.

Esse trabalho cumprirá seu objetivo quando vocês a partir daqui, pesquisarem outros materiais e com isso ampliarem os conhecimentos aqui adquiridos.

Referências

LISBOA, E. O Segundo Modernismo. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa/ Biblioteca Breve, 1984.

MOISÉS, M. A Literatura portuguesa. 31ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2001

REIS, C. (dir.); PIRES, M. N. História e crítica da Literatura portuguesa. Vol. VII. Lisboa: Verbo, 2015.

ROCHA, C. Revistas Literárias do Século XX em Portugal. Vila da Maia: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

RODRIGUES, R.T. Miguel Torga: em busca do paraíso perdido. Tese apresentada ao programa de pós-graduação USP-SP, 2009

SARAIVA, A. J.; LOPES, O. *História da literatura portuguesa*. Lisboa: Porto, 2001.

TORGA, M. Contos da Montanha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

_____. Diário vols. I a VII. Coimbra: Publicações Dom Quixote, 2ª ed. 1999.

_____. Diário vols. IX a XVI. Coimbra: Publicações Dom Quixote, 2ª ed. 1999.

_____. A criação do mundo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO
PARANÁ - UNICENTRO**

**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB**

Prof.^a Dr.^a Sandra Aparecida Machado Polon
Coordenador Geral Curso

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Crissi Knuppel
**Coordenadora Geral NEAD / Coordenadora Administrativa do
Curso**

Prof.^a Dr.^a Marisa Schnekenberg
Coordenador de Tutoria

Prof. Ms.^a Marta Clediane Rodrigues Anciutti
Coordenadora de Programas e Projetos / Coordenadora Pedagógica

Espencer Gandra
Murilo Holubovski
Designers Gráfico

DolfiAm / Pixabay
Carlos Luis M C da Cruz / Domínio Público
S Leonardo de Galafura / Creative Commons
Elementos gráficos